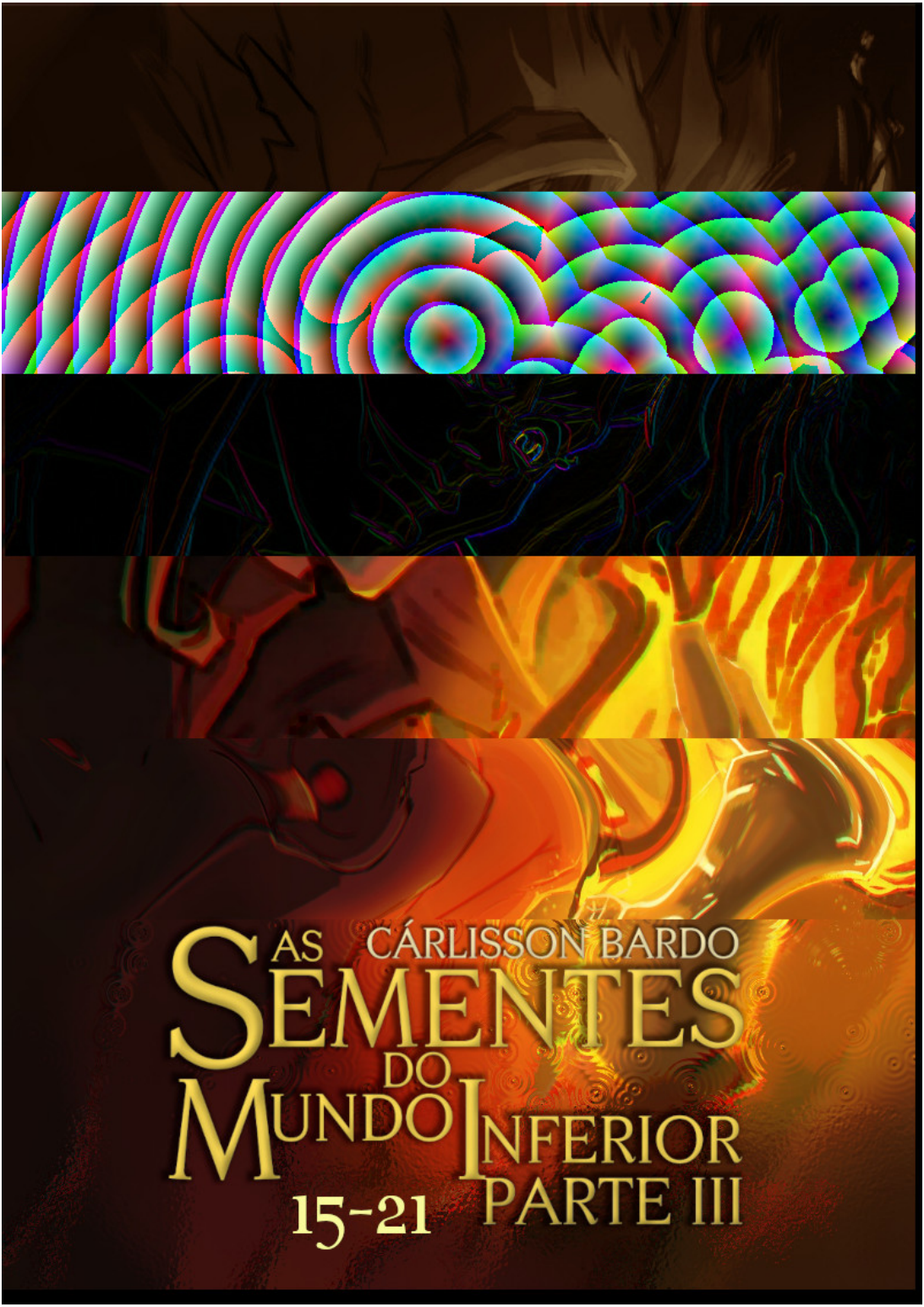

CÁRLISSON BARDO

AS SEMENTES DO MUNDO INFERIOR

15-21 PARTE III

	Um grupo de aventureiros recebe a missão de plantar quatro bagas no subterrâneo, na borda do perigoso reino de Varmadum. O que parecia uma missão simples toma outros rumos quando Sharon, um dos membros do grupo, é sequestrada para uma cidade distante, no meio do mundo inferior. Assim começa a nossa história. • Episódios publicados semanalmente no Wattpad: https://www.wattpad.com/story/262851984-as-sementes-do-mundo-inferior
	Para esta segunda parte, uma mudança fundamental é a forma como ela será publicada. A publicação será em PDF diagramado para ler no celular. Cada episódio, um arquivo. Os arquivos serão distribuídos pelos canais eCordel. Basta se inscrever em qualquer um deles e você receberá os episódios conformem forem lançados. Todos os episódios estarão, porém, reunidos em uma página própria da novela, que explica a ideia e agrupa material. Seguem os links para você acompanhar: • Canal eCordel no Element/Matrix • Canal eCordel no Telegram • Canal eCordel no Whatsapp • Link principal da novela: https://link.cordeis.com/sementes/

	Finalmente começou a ser publicada a terceira parte da saga de All Thorn, Sharon e companhia. **As Sementes do Mundo Inferior – Parte III** vai ser publicada no Wattpad, com compilados de 7 episódios sendo feitos em ebook gratuito, periodicamente. É um mix entre as formas de publicação da primeira e da segunda parte. Acompanhe lá no Wattpad e espero que goste desse novo trabalho. Todo sábado pretendo publicar um novo episódio, no que devem se somar, mais uma vez, 50 ao final. Boa leitura! • As Sementes do Mundo Inferior – Parte III

Este ebook apresenta os episódios 15 a 21

Arapiraca (AL), 12 de outubro de 2024

“Sentíamo-nos guiados pela presença invisível de Suno. Enfim, chegamos a um maravilhoso vale, que parecia um lugar intocado esquecido no tempo. O que não sabíamos ainda é que o vale abrigava uma enorme serpente, que não apreciou nossa visita. Ela nos atacou com ferocidade e tivemos que nos organizar para enfrentá-la. Em um movimento rápido para um monstro tão grande, a serpente engoliu All Thorn e Teraaz. Todos os nossos ataques pareciam surtir efeito, mas a criatura era bem resistente. Nossos ataques se intensificaram, mesmo porque agora precisávamos libertar nosso aliado antes que fosse digerido. Somente depois que Haseid deu seu golpe final, cortando-a ao meio, é que eu soube que ela já havia vomitado All Thorn e Teraaz mais acima na floresta.”

O gnomo sorri como se estivesse em um sonho bonito, rodeado de cogumelos e tranquilidade. All Thorn sorri para ele, mas seu amigo de fato ainda dormia. Senta-se e vê Ild lhe encarando, em alerta.

— Teraaz está bem. — O paladino fala, por fim.

— Que bom! Outro sonho profético?

— Não, ele acabou de passar aqui em cima.

— Como sabe?

— Esqueceu que temos uma ligação mental? Bem curta, o que quer dizer que ele está muito perto.

Duas pancadas ecoam naquela gruta de repouso, acordando todos, exceto Wolfgar e Neriom.

— Que diabo é isso? — Haseid pergunta, encarando o teto da caverna sem perceber nada.

— Calma, é só o Teraaz. Está aí em cima.

— E como ele foi parar lá?

— E eu sei? Podemos tentar descobrir como a gente vai até ele.

— É, acho que sim.

— Vamos, Haseid. — Sharon lhe chama, já de pé. — Isso não foi só um debate de possibilidades, é um pedido de favor.

— Entendi... Mas calma lá, ainda estou acordando.

Ajustando a roupa e pegando o arco, a elfa resmunga:

— Parece que ainda está dormindo...

— Tá, vou assim mesmo. — O patrulheiro pega sua espada e vai acompanhar a colega.

All Thorn fica um pouco na dúvida se seria melhor ir com eles. Enfim, decide-se por ir .

Tim Gladus aproveita o momento, agora que está acordado, e se senta perto de Neriom com sua calimba.

— He he! Acordando com musiquinha agora?! — Wolfgar fala, empolgado, sentando-se.

— Você não acordou com o barulho na pedra e acorda com música!

— Barulho na pedra? E teve isso? Bom, Ild, pedra nem faz barulho, pedra faz música!

Passando por cima das pedras que não foram todas removidas, o trio de busca se vê diante do corredor por

onde haviam vindo, com vários túneis em diferentes alturas, levando para diferentes direções.

— E então? Em que direção ele tá?

— Não sei. Perdi contato.

— Aí é lasca. E se ele sair e a gente não achar ele mais?

— Eu pedi que esperasse.

— Vamos deixar de conversa. — Sharon interrompe os dois. — E começar logo a busca. Que acham daquele túnel?

Ela aponta para uma passagem a vinte ou trinta metros, abaixo da entrada do refúgio onde dormiram.

— É mais baixo. — All Thorn opina. — Não deveríamos buscar um mais alto?

— Olha a estrutura da entrada, paladino! — Haseid pede, começando a andar na direção sugerida. — E olha ao redor dele. Ele tem cara que sobe, vê não?

— Sinceramente, não.

— É uma boa sugestão sim. Parece até que tu nunca andou por aqui.

— E nunca andei! Você já veio pra esses lados antes?

— Calma, fala baixo. — Sharon pede, encarando os dois. — Estamos na boca de muitos caminhos. Podemos atrair inimigos.

— ... Ou o Teraaz! — All Thorn conclui, animado.

Lá no acampamento, com o fim da música, Ezelius se aproxima de Tim Gladus.

— Parece que não funcionou.

— Está funcionando, eu sinto, mas aos poucos.

— E o que ele tem que ainda está dormindo?

— A doença mexeu muito com a mente dele. A doença já foi, mas deixou muita coisa errada.

— Mas aí a magia de cura devia resolver.

— Também acho.

A conversa é interrompida pelo som de pedras sendo retiradas da entrada. Wolfgar corre lá para ajudar Haseid e All Thorn e receber Teraaz, que não vinha só.

— E esses dois? — O anão pergunta, surpreso.

— Eram a cavalaria! Estavam vindo salvar a gente, ué! — Haseid responde.

— Teraaz chegou na vila e eles vieram em ajuda. — Sharon tenta explicar melhor. — Gladiane e Riff, embora o Riff tenha dito o tempo todo que estava vindo apenas para entender a situação e porque Abamarim insistiu muito.

— Entendi.

— Agora vamos comer, que tem estrada pra frente.

"Ainda vou escrever sobre o que aconteceu na ilha paradisíaca quando a rainha pirata foi derrotada. Malleck foi um aliado que conseguimos naquele momento. Ele ocupou o lugar de Grugbar no governo da ilha. Isso até a hora em que ele apareceu para falar com seu irmão. O discurso paladinesco para ter o irmão por perto não funcionou. Foi nessa noite que tive um sonho, ou visão, com o rei Mogmor se aproximando da ilha. Ele bufava de ódio por não conseguir controlar Ild nem Malleck. Senti que se ele viesse mesmo até nós, tudo ali seria destruído. Malleck juntou o grupo ao redor de si e segurou uma alavanca presa ao chão. Pediu que todos colocássemos a mão na alavanca e puxou. A ilha foi transportada para longe, mas todos do grupo pareciam ter ficado mais velhos."

A volta não foi tão difícil. Não que o trio do resgate se lembrasse do caminho com clareza, mas Haseid tinha um rastro claro a seguir. Algumas paradas e várias horas depois, lá estavam eles, de volta à Cidade Flutuante.

— Ainda não acredito que você foi me resgatar! — Haseid fala, empolgado, para Gladiane, enquanto esperam a canoa chegar.

— Sei que faria o mesmo por mim. — Ela sorri discretamente e olha ao redor, distraída.

Quando Abamarim chega, leva Riff e All Thorn primeiro. Tim Gladus discretamente mergulha no lago e acompanha o transporte a meia distância.

— Fico feliz que estejam bem. Seu cavalo chegou bastante assustado.

— É, irmão, enfrentamos a morte nos seguidores de Perfídio. Acredita que há uma paladina pérfida naquele castelo?

— Por Suno... — Abamarim arregala os olhos com a informação.

— Mas felizmente conseguimos plantar a semente, fechando o acesso deles às terras de cá, eu acredito.

— Melhor assim.

Quando o trio chega à cidade, Tim Gladus se aproxima.

— Posso levar o barco até a margem. Ac'redito que se'rá mais rápido assim, que pode'rão vir mais pessoas por vez.

— É verdade. Boa ideia. — All Thorn responde, enquanto o tritão se afasta, levando o barco.

— Quem é seu novo amigo? — Abamarim pergunta, quando o tal amigo já está um pouco longe.

— Ah, ele? Tim Gladus é seu nome. É um bardo que conhecemos no castelo. Ele nos libertou, na verdade. Estávamos nus e acorrentados, sangrando em um sacrifício ao deus pérfido.

— Que bom que ele apareceu então. Mas é estranho. Você sabe que tritões não são capazes de respirar fora d'água?

— Ele tem seus talentos. Ah, é um bardo, por falar em talentos.

— Sim? Wolfgar ainda tem a caneca? Vamos festejar a volta de todos vocês! Cumpriram a missão, quase morrendo da pior forma possível, mas aqui estão vocês. Todos bem!

— Na verdade, nem todos. — All Thorn responde, desmanchando o sorriso e induzindo Abamarim a fazer o mesmo. — Neriom, nosso amigo gnomo, passou por um perigo problemático e ainda está mal.

— Que tipo de perigo?

— Foi envenenado por um tipo de fungo, que controla a pessoa como se fosse um zumbi.

— Um Maitakan...

— Sim, ele já foi curado e a transformação não se completou, mas ele não acordou mais.

— Isso me parece bem grave. Você o curou?

— Não. Estava além do meu alcance por se tratar de uma doença.

— E um doença dessas logo. Deixa eu adivinhar: foi o tritão!

— Sim, ele o curou.

— Entendo. E imagino que ele esteja tentando restaurar o pequeno sem sucesso desde então.

— Como sabe?

— O Maitakan é terrível! Ele entra pelo nariz como pó e vai até o cérebro. Ele come o cérebro até assumir

os controles. Então começa a buscar uma saída da cabeça para poder soltar mais pó de Maitakan por aí. E controla o corpo enquanto conseguir mantê-lo vivo, então termina, mas até ali já espalhou muito pó.

— Ele come o cérebro?

— Isso. Por isso seu amigo deve estar assim. Cura comum não tinha efeito contra o Maitakan, era preciso uma cura de doenças, você está correto. Mas para tentar reverter os danos, nenhum desses dois tipos de cura serve.

— Regeneração?

— Sim, a esperança reside em uma magia de regeneração. Mas vocês tiveram sorte de encontrar esse tritão. A essa altura já estariam todos contaminados também. Maitakan se espalha muito rápido.

— Suno nos proveu.

— E Mara. — Abamarim completa e All Thorn estranha. Então, ele continua. — Sou filho de Suno, como você, mas não podemos tirar os créditos de quem também nos ajuda, como Roko e sua consorte, Mara. Além disso, eu vi que o tritão usa um colar dedicado a ela, o que não é surpresa.

— Sim, é verdade. Ah, veja, estão trazendo o Neriom.

— Vou dar uma olhada nele e ver o que podemos fazer.

— Desculpe ter estragado seu plano de festa. — O paladino fala, em tom de lamento. Haseid e Wolfgar olham, atentos e surpresos ao ouvir isso.

— E quem disse que não vai ter festa? — O clérigo anão dá uma piscada e se dirige até Haseid, que traz o gnomo nos braços.

17 Diversões

“Encontramos alguns cristais no caminho que nos chamaram muita atenção. Tinham uma coloração um pouco azulada e eram visivelmente resistentes. Eles saíam do chão, projetando-se quase dois metros. O grupo começou a discutir como poderíamos extraí-los e usá-los na produção de armas. Parecia uma grande ideia. Enquanto as discussões avançavam, conseguimos identificar a verdadeira natureza daqueles cristais: eram parte de um elemental, talvez dormindo ou em um repouso ainda mais longo. Saímos daquele lugar, deixando o cristal para trás, felizes de certa forma por ninguém ter tentado extraí-lo, o que teria despertado esse elemental, trazendo consequências que não consigo prever.”

A festa é um pouco diferente. São basicamente dois grupos: um grupo bebe com a caneca mágica de Wolfgar e outro grupo dança e festeja à rara presença de um bardo na Cidade Flutuante.

Há quem transite entre os dois grupos, ora bebendo, ora dançando. É assim com os elfos, inclusive Gladiane. Outros preferem um grupo fixo. O próprio Tim Gladus recusou quando lhe levaram bebida, dizendo que não gosta de beber, pois “se confunde”.

Neriom está de cama na casa de hóspede, ainda dormindo. Abamarim diz que chegou a abrir os olhos durante seu ritual de regeneração, mas logo voltou a dormir.

— E então, patrulheiro... — Wolfgar começa a falar, dando um tapinha nas costas de Haseid, tentando alcançar o ombro, sem sucesso. — Vai ficar por aqui mesmo?

— É o quê, seu anão?

— Você entendeu, nem se faz mais de besta que já está perdendo a graça.

— É sério. Pretendo ficar por aqui não!

— Já falou isso pra elfa?

— Oi? — Os dois ouvem a voz de Gladiane, que se aproximava junto de Abamarim. — Falando de mim?

— Não, meu coração, ele tava falando de outra elfa! Da Sharon! Não era, Wolfgar?

O anão responde simplesmente cruzando os braços e franzindo a testa.

— Eu sei exatamente do que vocês estavam falando. — Ela responde, com voz séria e firme, mas não consegue esconder no canto da boca um leve sorriso de divertimento com a situação.

Haseid olha ao redor, desconfiado, com medo da reação dela, mas ela prossegue, desfazendo a pose séria.

— Abamarim precisa visitar o Lago Ardente e o líder de vocês prometeu que o levaria lá. Então eu vou com vocês, até pra poder acompanhar o Abamarim na volta, já que eu não acho que vocês voltam por aqui.

— Entendi... Isso é bom, não é?

— É sim. A gente viaja amanhã, pelo que eu soube, então se me dão licença. — Ela vira a caneca, bevendo tudo de uma vez e a entrega ao Wolfgar. — ...vou aproveitar a festa.

E ela vai para perto da turma que dança ao som de Tim Gladus.

Ezelius se aproxima dos dois. Wolfgar lhe oferece bebida, mas ele recusa. Quando o anão bebe, ele estende a

mão pedindo a caneca. Wolfgar lhe entrega, fazendo careta.

— Prefiro a minha bebida. Leve a mal não. — O elfo enche a caneca de água, ativa seu poder, bebe e devolve. — Ia oferecer da minha bebida, mas certamente você não ia querer.

— Com certeza, não!

— Mas é bom beber. Principalmente quando a gente tem algo que comemorar.

— É sim!

— Ou tá sofrendo traição.

— É... — Wolfgar responde, mas fica sem entender qual a intenção do feiticeiro dessa vez.

Discretamente Ezelius aponta, com um movimento leve de cabeça, para a parte dançante do salão. Gladiane está dançando feliz e solta.

— Ela está se divertindo, como disse que ia fazer!

— Claro, só acho muita empolgação pra quem quase não bebeu. E não deixo de pensar que ela tem um gosto diferente, uma preferência por gente de outros povos, gente exótica.

Haseid vê Tim Gladus cantando e tocando com sua calimba. Gladiane dançando perto dele. Os olhos do oganter vão se arregalando aos poucos, até que ele grita:

— Ei! — E vai em direção aos dois.

— Calma, Haseid! — Wolfgar ainda pede. — Vai cair na pilha do Ezelius, é?

Sem nem olhar para trás, Haseid sacode a mão em desprezo e segue com raiva.

— O que pensa que está fazendo, Ezelius? — O anão pergunta, ao ver o feiticeiro com um sorriso de orelha a orelha.

— Ora, me divertindo!

— Isso lá é diversão? Alguém pode acabar morrendo nessa história!

— Morre nada! E outra coisa: cada um se diverte como gosta. Isso aqui não é uma festa? Se divirta aí bebendo que eu me divirto do meu jeito. E amanhã cedo a gente volta ao normal.

— Isso é verdade.

A música para por um tempo, mas após um minuto ou dois de bate-boca, Tim Gladus volta a se apresentar.

“Não é bem sono, nem nada do tipo, mas uma sensação ruim. É como se algo estivesse errado, fora do lugar. Tenho sentido isso há algumas semanas, mas temos muito com o que nos preocupar, então não compartilhei esses sentimentos ainda. Não é bem segredo, mas tenho tido esse pressentimento de que há algo errado com a Natureza do nosso mundo. Seriam conflitos novos entre os deuses? Algo prejudicando Kreskajia? Simplesmente não sei, mas não vejo a hora de terminarmos essa missão de plantio e podermos voltar para a superfície. Talvez não haja nada errado, seja apenas tempo demais debaixo da terra. Pelo sim, pelo não, gostaria que terminássemos logo e saíssemos de vez daqui.”

Logo cedo o grupo parte. A vanguarda é a mesma de sempre, com a dupla Sharon e Haseid. A nova formação traz dois trios e uma retaguarda formada por outra dupla.

— Ô, Sharon, se fosse você... Você tá saindo com um cara e fica com ciúme porque você, sei lá, achou que ele estava saindo com outra pessoa...

— Deixa ela em paz. — Sharon responde, sem esperar o colega completar. — Você não tem mais nada a explicar pra ela. Se ela quiser você de novo, ela diz.

— Será?

— Só pinei, você faz o que você quiser. Agora, vamos prestar atenção no caminho.

Um pouco atrás, acompanhando Teraaz, que leva Neriom desacordado, Abamarim comenta com All Thorn:

— Você já pensou no que pretende fazer quando a missão acabar?

— Ainda não, mas sinto que ainda tenho muito a realizar em nome de Suno.

— Também sinto isso. Você é jovem e tem muitas aventuras a viver. — Faz uma pausa, pensativo, e completa. — Mas quando resolver se aposentar, pode nos visitar na Cidade Flutuante e morar lá, inclusive. Seria bem-vindo e é um lugar bastante sossegado.

— É sim, obrigado. Parece um bom lugar, apesar de estar distante do Sol.

— Suno nunca está distante demais para quem o leva no coração.

All Thorn segue, aproveitando o silêncio dos dois, pensando nessas palavras do anão clérigo.

Mais atrás, é Ezelius quem puxa conversa.

—Então, finalmente conseguimos voltar para o nosso caminho. O que você vai fazer agora, que já está longe o bastante daquele castelo?

— Eu ainda nón sei.

— Se quiser, pode vir com a gente até o mar. É caminho, de qualquer forma.

Ild encara o feiticeiro pensativo, diante dessas palavras a Tim Gladus, mas termina não falando nada: conclui que não vale a pena entrar em mais uma discussão sem sentido com o colega.

No final da caravana, Gladiane vira outra caneca de bebida e limpa a boca com as costas da mão. Devolve então o objeto mágico ao Wolfgar.

— Não gosto dessa bebida aí, mas ela tem um cheiro bem forte e interessante.

— Ha ha, é hidromel! Você devia experimentar.

— Já provei, eu passo. Olha, a gente devia pegar leve na bebida, sabia?

— É, eu sei, aqui é difícil achar água. Se bebermos demais, logo ficaremos sem água.

— Não é isso. Se eu não tivesse bebido tanto da outra vez, talvez a gente não tivesse sido capturado.

— É, quem sabe...

— E me conte como é essa história de plantar semente, que eu ainda não entendi.

— Foi Leucaliuz. Sabe o Leucaliuz?

— Claro, já ouvi falar. O darapiroz que cuida do Coração Verde. Que tem ele?

— Ele pediu pra gente descer aqui e plantar quatro sementes.

— Para quê?! Por que não planta lá em cima? Depois vai mandar um grupo vir aqui embaixo de novo pra colher?

— Essas sementes vão criar uma barreira pra tropa de Galvoczur não chegar no Coração Verde.

— Entendi... — Ela responde e fica pensativa por um tempo. — Então, tá. Nunca vi o Leuclaiuz. Como ele é?

— É um cara alto e magrelo, cheio de pano. Parece um elfo, mas não dá pra ver o rosto e as orelhas direito.

— Não é um pé de Eucalipto?

— É, também, mas ele fala com a gente nessa forma estranha.

— Sei. — Gladiante estende a mão pedindo a caneca de novo. O anão entrega e ela despeja mais água do cantil para produzir magicamente mais bebida. — Olha, pra falar a verdade, sei não. Essa história é estranha. Tem certeza que essa pessoa era o Leucaliuz?

— Claro! E nem era uma pessoa mesmo. Era meio transparente.

— Como uma magia de ilusão? — Gladiane pergunta antes de virar a caneca na goela de uma vez só.

“Peido Quente me apresentou pontas de flecha interessantes, feitas com conhecimento alquímico avançado. A troco de metade do tesouro que eu eventualmente encontre na jornada — e que seria destinado a mim, não ao grupo, cedeu-me um manual instruindo sobre essa maravilhosa fabricação. Iniciei hoje esses estudos, mas sinto que estou muito atrasada nos estudos mais básicos de Alquimia e que preciso avançar.”

Seguindo pelas cavernas escuras de Varmadum, o grupo de aventureiros viaja em direção à cidade goblin do Lago Ardente.

— Ezelius? — Ild chama o colega, com cara de curiosidade, e pergunta tão logo receba atenção. — Você não

disse que sua família veio do fundo do mar ou algo parecido?

— Claro, Tim Gladus deve conhecer o famoso reino de Drumon.

— D’rumon? Nunca ouvi falar.

— O Ezelius jura que existe e é um reino de elfos que vivem no fundo do mar.

— E como respi’ram?

— Tem uma cúpula que guarda o ar.

O tritão faz uma careta de estranheza e termina não falando nada. Ild continua.

— Certo, e aquela história de orcs marinhos, que nadam como se fossem peixes e tentam conquistar todo mundo no fundo do mar?

— O que é orc? — Tim Gladus pergunta, confuso.

— Tá vendo, mentiroso! Eu disse que não existia essa história de orc marinho! Ele não sabe nem o que é um orc!

— Eles falam outra língua, Ild. Tim Gladus aprendeu nossa língua há pouco tempo. Orc não deve ser uma palavra que ele ouça. Devem chamar por outro nome.

— Sei... — Sem mais o que argumentar, Ild se cala, ainda desconfiado.

Um pouco à frente, longe do campo de visão deles, como todos os outros grupos da caravana se organizam, Abamarim chama a atenção de All Thorn.

— Me ajuda a subir no cavalo?

— Claro, está cansado?

— Não, que é isso?! É preciso muito mais chão para cansar essas pernas aqui!

All Thorn para e pede que Teraaz se abaixe um pouco.

— Quero zelar pelo gnomo e fazer outra prece por sua recuperação.

— Claro!

Com ajuda do paladino e da montaria, logo o líder da Cidade Flutuante está montado, com Neriom, ainda desacordado, em seu colo.

— É, meu amiguinho, sinto que estamos progredindo. — Abamarim fala antes de fechar os olhos, com as mãos na testa e no peito do gnomo.

Lá atrás, outra conversa continua.

— Teria que ser um trapaceiro muito bom para enganar também Flamdarir.

— Não tou te dizendo? É claro que foi o Leucaliuz que passou essa missão pra gente!

— sim... — Gladiane fica pensativa por um tempo, olhando distraidamente para as paredes, e conclui. — A menos que esse aí também não fosse o Flamdarir.

— Do que você está falando?

— Calma, anão, acompanhe meu raciocínio: um mago muda de forma para se parecer com Flamdarir e cria uma maiga de ilusão dizendo que é o Leucaliuz. Então um grupo de aventureiros que estava passando vai numa missão de plantar umas sementes debaixo da floresta.

— E pra que ele ia querer fazer isso?

— Talvez essa planta gere alguma coisa poderosa pra ele usar em magia! — Ela faz uma pausa e ergue o indicador, pedindo que o anão espere. — ...ou ela! Já que é uma magia de ilusão, poderia ser até um elemental.

— você tá doida!

Gladiane não gosta do comentário e se cala, emburrada. Depois de um tempo, pede a caneca gestualmente, mas não é atendida.

— Você já bebeu muito. Deixa pra beber mais depois!

Ela faz uma careta, mostrando a língua, e continua andando, visivelmente contrariada. Mais pra frente, resmunga:

— Ela pode ter atacado o Leucaliuz verdadeiro. Por isso mandou os heróis pra longe pra não atrapalharem o ataque.

— Do que você tá falando, criatura? Ela quem?!

— Tá, não falo mais nada.

— Melhor mesmo.

— Só depois que eu puder beber mais hidromel.

Wolfgan olha com cara feia e é correspondido com igual careta de antipatia. E assim seguem os dois, na retaguarda do grupo.

Mais à frente, sobre Teraaz, Abamarim tira uma das mãos de Neriom. Concluída a magia, ele suspira e olha ao redor. Fora a ligeira curva para a direita que o caminho faz, tudo parece igual. All Thorn vai um pouco à frente.

No colo do anão, porém, Neriom abre os olhos.

“All Thorn tem treinado luta com dois escudos. A princípio parece não fazer muito sentido, mas lutar com dois escudos vai além do <se defender melhor>. Há escudos que podem ser úteis em ataque, especialmente os mágicos que, graças à magia neles, têm correção de balanceamento e se deixam ser usados com alguma velocidade sem perder tanto do poder de dano. Enfim, desde que ele viu o gigante da rainha Grugbar usando dois escudos e dando trabalho para ser derrotado, ele se interessou por esse tipo de luta. Tem praticado e talvez tenhamos no futuro um paladino taticamente diferente. Ou talvez não. Humanos tendem mesmo a se empolgar com as coisas e muitas das vezes se desempolgam com igual facilidade.”

— Esse anel é bem poderoso, meu caro! — Ezelius fala. — Sabia?

— Sim, é o que chamam de artefato de sangue. Eu vejo que vocês tem artefatos assim também.

— É verdade... Como o conseguiu?

— Uma longa história de explo'ração com um g'rupo que nón existe mais.

— Foi um tesouro de aventura!

— Pode-se dizer que sim.

Um sorriso malandro começa a aparecer na cara do feiticeiro.

— Então, eu conheço a origem desse anel.

— Conhece?

— Ele nasceu do Conselho dos Animais, quando um grupo de druidas de diferentes povos se reuniu no topo de uma montanha para discutir os erros dos povos inteligentes. Para eles não notarem de que povo cada druida era, cada um deles foi na forma de um animal diferente.

Tim Gladus lhe observa, curioso e pensativo.

— Então eles fizeram uma reunião onde cada um falava como as pessoas inteligentes são piores que os ani-

mais. Besto ficou tão satisfeito vendo essa reunião que deu a cada druida um anel de presente. Assim, teve o anel do crocodilo, o anel da onça, o anel do macaco... E o anel do beija-flor!

— Não teve um de peixe?

— Não, mas teve o anel do sapo!

— E de minhoca?

— Minhoca... Minhoca... Sim! Seria bem interessante um anel de minhoca, não é?

— É, se'ria. Assim se'ria inte'ressante um anel pa'ra cada bicho.

— Essa é a história do anel que você tem em mãos.

Tim Gladus pensa um pouco a respeito e fala, por fim.

— Ob'rigado por me contá-la. Eu conheço a histó'ria verdadei'ra deste anel, mas você é bem c'riativo. Pa'ra ser since'ro sua versão é mais legal, então vou adotá-la a partir de hoje.

Os dois elfos se olham, surpresos com essa reação.

Mais à frente, Neriom balbucia as primeiras palavras após finalmente despertar.

— Chá... Chá...

— Não temos chá aqui. — All Thorn fala, preocupado com as necessidades do colega, mas o gnomo coloca a mão na cabeça.

— Acho que não é isso. — Abamarim opina. — Ele deve estar sentindo falta do seu chapéu.

— Está com Ild.

O gnomo se acalma, meio triste e distraído. Passando por um cruzamento de túneis, ele de repente começa a gritar com a mão na cabeça.

— Calma, pequeno! — Abamarim pede, mas o gnomo continua gritando.

— O que ele tem? — All Thorn pergunta, preocupado. Já parados, ele e Teraaz.

— Eu não sei, mas é perigoso fazer tanto barulho. — Ele tenta prender a boca do gnomo para evitar que grite tanto. Ainda mais assustado, Neriom se debate e termina caindo do cavalo.

Ele se levanta e corre, gritando, por um daqueles túneis alternativos.

— O que deu nele?

— Está confuso. — Abamarim responde. — Não é melhor ir atrás dele, então?

A pergunta era de certa forma uma crítica à inação do paladino, que também estava confuso e surpreso diante da cena. Ouvindo as palavras do anão, ele não mais espera. Parte com pressa atrás de seu amigo.

— Não devíamos ir ajudá-lo? — Teraaz pergunta.

— É só um gnomo confuso. All Thorn dá conta. Além do mais, é bom ter alguém aqui para o caso de os outros chegarem, ou mais alguma criatura aparecer. Veja: são sete caminhos!

— Tem alguém ali.

— Como?

— Atrás daquelas pedras, perto daquele corredor.

— Certo. Deixa eu ver. — Com ajuda de Teraaz, que abaixa um pouco seu corpo, o anão desce e vai devagar na direção indicada. Começa a gesticular uma magia de luz, mas desiste e vai em passos lentos. Conforme se aproxima, percebe alguém baixo, escondido, usando um gorro amarelo. Num movimento rápido, Abamarim lhe tira o gorro.

— Ei! — Uma gnoma se levanta e encara com olhar assustado e o rosto marcado por lágrimas.

"Enfim, chegamos à cidade. Toda ela flutuava no lago, de modo a não ser notada pelos vermes dos túneis, ao que fomos informados depois. Anões, elfos, goblins e humanos habitam o lugar, ilhados do resto do mundo. O anão clérigo Abamarim nos recebeu e, após confirmar a morte do verme escavador, nos garantiu uma recepção de respeito. Uma semente deve ser plantada aqui perto. Deveremos discutir melhor o assunto tão logo tenhamos descansado e estejamos prontos para partir."

Enquanto All Thorn busca o gnomo fujão, Abamarim confronta outro da mesma espécie. Uma gnoma assustada que se escondia ali perto.

— Me devolve meu gorro!

— Primeiro, você precisa me dizer o que está fazendo aí. Quem é você e por que estava nos espionando.

— Eu não estava espionando ninguém!

— E por que está escondida?

— Eu me chamo Klinkit, se você quer saber. Fui sequestrada por monstros. Eles estão me procurando. Agora você me revelou. Quando eles aparecerem, eu...

— Tenha calma, Klinkit, se é esse mesmo seu nome. E que monstros são esses?

— É um casal de diabos!

— Oi oi? Perdemos alguma coisa? — Haseid e Sharon se aproximam correndo. — Ouvimos um grito.

— Parecia o Neriom gritando... — Sharon ia falando, empolgada e preocupada, mas sua voz desanima quando percebe a presença de outro gnomo. Uma gnoma, neste caso.

— Sim, ele acordou. — Abamarim responde, sem afastar os olhos da pequena encurralada.

— ...E mudou de sexo?! — Haseid pergunta, encarando a estranha e fazendo uma careta engraçada.

— Ele acordou confuso e fugiu por um túnel. All Thorn já foi atrás dele. O que me preocupa agora é saber quem é essa jovem espiã.

— Espiã, é? — Haseid pergunta, agachado, encarando a gnoma. — Parece não.

— O que você está fazendo por aqui? — Sharon pergunta, aproximando-se dela. Abamarim devolve o gorro a um pedido gestual da elfa. — De onde você é?

— Eu estava... Fugindo. Eles me sequestraram.

— Eles quem? — A elfa pergunta, com tom de voz mais irritado.

— São um casal de diabos.

— Cambions?

A gnoma confirma com a cabeça.

— A semente falhou, é isso? — Sharon pergunta a Haseid, que levanta as mãos em sinal de que não sabe a resposta. — Será que são aqueles monges que nos atacaram?

Enquanto conversam, eles escutam a aproximação de Ezelius, Ild e Tim Gladus. No outro corredor, All Thorn finalmente encontra o gnomo fujão. Estava ofegante,

sentado no chão encostado na parede, abraçando as próprias pernas.

— Por que você fugiu, Neriom? Quer me contar o que aconteceu?

O gnomo ergue a cabeça com expressão de susto e afasta os braços, mostrando um machucado nos joelhos.

— Ah, meu amiguinho, isso não é nada! — All Thorn diz, enquanto se abaixa e coloca as mãos sobre aquelas feridas. Rapidamente, elas se fecham e normalizam. — Então, podemos voltar? Ainda temos caminho pela frente.

O paladino dá um tapinha no ombro de Neriom e se levanta. Para sua surpresa, como se fosse uma criança pequena, o gnomo salta, abraçando suas pernas.

Surpreso, o paladino espera um pouco seu amigo se recompor. Assim, nem nota quando um chicote afiado vem em sua direção. Acerta seu braço num estalo, que assusta Neriom e o faz se jogar no chão, escondendo a cabeça com os braços. Bem naquela hora se ouve o som de meta e pedra se chocando, graças a uma espada que atinge o lugar onde o gnomo estava há bem pouco tempo.

Por instinto ao segundo ataque, All Thorn gira o corpo, empurrando o agressor para longe e se posicionan-

do em proteção a Neriom com seu escudo. Só então observa melhor a cena.

Um cambion magro recolhe lentamente o chicote enquanto sorri, mostrando uma língua bifurcada. Ao seu lado, uma cambiona se levanta, posicionando a espada curta em postura de ataque.

— Quem são vocês e o que querem? — All Thorn pergunta.

Os dois se olham e riem. A cambiona salta em investida, acertando o escudo. Em um movimento rápido, o paladino golpeia a atacante com o Escudo da União e volta à sua postura defensiva para receber uma nova chicotada com ele, sem se ferir dessa vez. A cambiona se levanta novamente, dessa vez com o braço um pouco machucado.

— Você tem algo que nos pertence. — O cambion fala, recolhendo o chicote e já sem aquele sorriso que tinha. — Entregue o gnomo.

— Gnomos não são objetos. Menos ainda, este aqui.

— O que ele quer dizer? — O agressor pergunta à parceira, com o canto da boca.

— Que não vai dar o gnomo.

— Isso é o que vamos ver. — Ele responde, sem nem afastar os dentes de raiva, preparando outro ataque.

	Cárlisson Bardo Blog: https://blog.cordeis.com/ Mastodon: https://ursal.zone/@bardo Loja: https://cordeis.com/